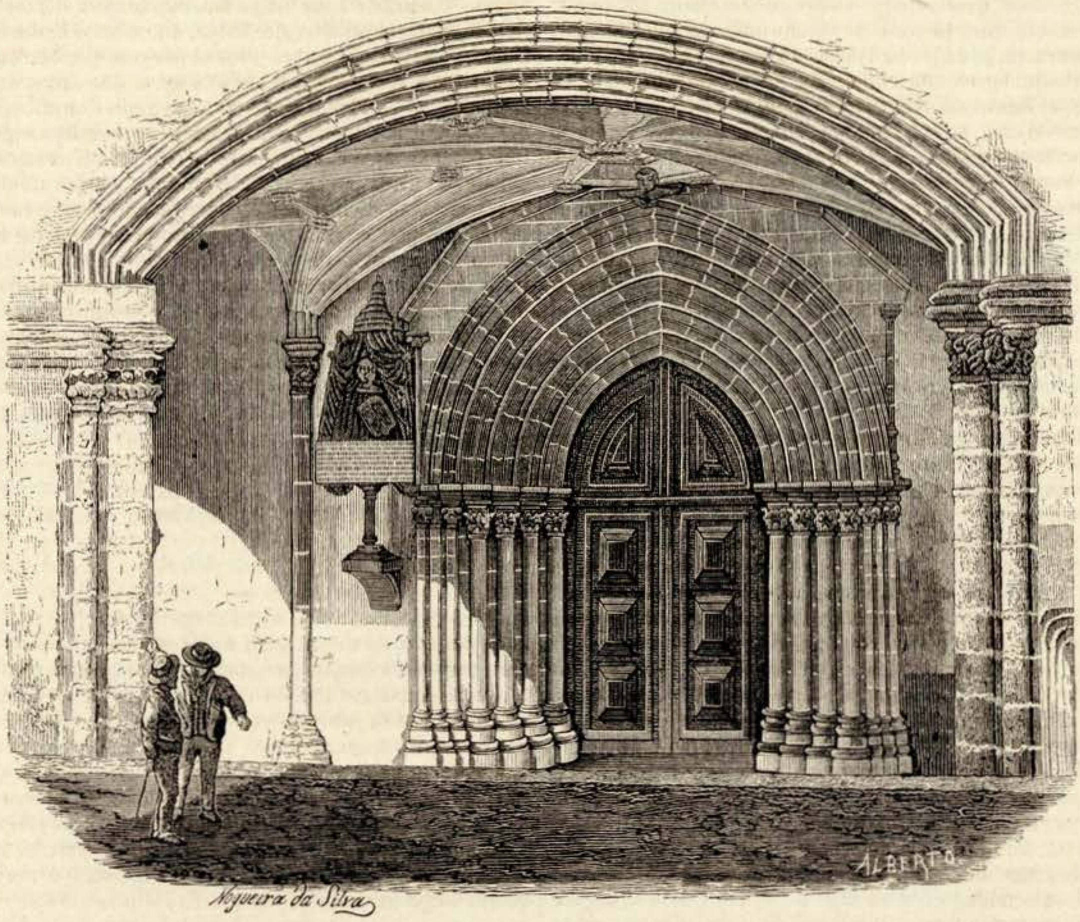


Porta da egreja de S. João Evangelista, em Evora

EVORA

CASA DOS CONEGOS SECULARES DE S. JOÃO EVANGELISTA

D. Rodrigo Affonso de Mello, 1.º conde de Olivença, foi um fidalgo tão illustre pela nobreza do sangue como pelo valor e esforço do seu braço.

Por parte de seu pae, Martim Affonso de Mello, senhor de Ferreira d'Aves e guarda-mór del-rei D. Duarte, descendia de uma antiquissima familia, assignalada por muitos e importantes serviços prestados á patria, e pelos altos cargos que muitos dos seus membros exerceram na corte dos nossos reis. Pelo lado materno, girava-lhe nas veias sangue real, pois que sua mãe, D. Margarida de Vilhena, era neta de D. Henrique de Vilhena, conde de Céa, irmão da infanta D. Constança, mãe do nosso rei D. Fernando I, e bisnetos ambos de S. Fernando, rei de Castella.

Quanto aos seus serviços militares, bastará dizer-se que se achou em todas as emprezas de Africa, emprehendidas em tempo del-rei D. Affonso V, e que se houve n'ellas com tal denodo e heroismo, que, logo depois da conquista da cidade de Tanger, o escolheu este soberano para primeiro capitão d'esta forte praça de guerra, que tantas vidas custou a Portugal.

Enviuvou, sendo já avançado em annos, no mez de abril de 1482; e tão profundamente o feriu similhante golpe, que resolveu deixar o mundo, consagrando a Deus o resto de seus dias. Levado, portanto, d'este intento, propoz á congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, que fôra instituida em Portugal no reinado de D. João I, fundar-lhe uma casa na cidade de Evora, junto ao seu palacio.

N'aquelle mesmo anno foi apresentada em capitulo esta proposta, e, sendo acceita, tratou o conde D. Rodrigo de obter as licenças necessarias. N'estas diligencias, e nos preparativos para o começo das obras, correram perto de tres annos, de sorte que se realisou a fundação no dia 6 de maio de 1485, em que se celebrava o anniversario do martyrio de S. João Evangelista.

Fez-se a ceremonia com grande solemnidade, cavando o fundador no logar em que se havia de erguer a capella-mór do templo, e tirando d'alli tres cestos de terra, que levou ás costas até os ir despejar.

Não obstante ser o edificio projectado modesto nas proporções e na architectura, e apesar do decidido empenho do conde de Olivença em o acabar o mais breve possivel para n'elle se recolher, e ahi viver santamente entre os religiosos da sua predilecção, estavam as obras em pouco mais de começo, quando a morte colheu este fidalgo, aos 25 de novembro de 1487. Deixando, porém, ordenado em seu testamento que seus herdeiros concluissem esta fabrica conforme o plano traçado, e dotassem a casa com os bens necessarios para sustento dos conegos que viriam occupal-a, sua filha unica e universal herdeira, D. Filippa de Mello, e seu genro, D. Alvaro, 3.º filho de D. Fernando, 1.º do nome e 2.º duque de Bragança, cumpriram á risca todas aquellas disposições.

Celebrou-se a inauguração da egreja com a festa do nascimento de Christo, em a noite de Natal do

anno de 1491. Posto que não estivesse de todo acabado o resto do edificio, o que levou algum tempo mais, tomaram logo posse d'elle os conegos seculares de S. João Evangelista, vulgarmente chamados *loyos*, nome que lhes proveiu de terem uma casa em Lisboa, e outra na cidade do Porto, dedicadas a Santo Eloy.

Á sua egreja da cidade de Evora quiz o fundador que se désse a invocação de S. João Evangelista.

D. Alvaro e sua mulher, D. Filippa de Mello, e seus descendentes, os condes de Tentugal, marquezes de Ferreira e duques de Cadaval, na qualidade de padroeiros d'esta casa, e por favor especial da congregação, desfructaram varios privilegios, taes como terem tribuna do seu palacio para dentro da capella-mór; ser esta, bem como o resto do templo e a casa do capitulo, para seu enterro; e possuirem uma porta de serventia do seu palacio para a sacristia. E, por um breve do papa, gozaram a preeminencia de serem nomeados os seus nomes na oração da missa *Et famulos*.

Em certas solemnidades costumavam as senhoras d'esta illustre familia descerem á egreja para ornarem os altares por suas proprias mãos. Algumas tambem deram provas da sua muita caridade, indo visitar e levar remedios aos conegos enfermos. E para que não cause estranheza e faça duvidas similhantes visitas em habitação de religiosos, diremos que os conegos seculares de S. João Evangelista não faziam votos de especie alguma; por conseguinte, não tinham clausura, e na sua residencia, que em rigor se denominava *casa*, e não *convento*, não era defesa a entrada de mulheres, senão aquellas que por seu comportamento fossem indignas de uma tal permissão.

Com o tempo veiu a cair em desuso esta pratica, sobre tudo nas tres principaes casas da congregação, que eram a de S. Bento de Xabregas, junto a Lisboa, cabeça da ordem e residencia do dom reitor geral, mais conhecida pelo nome popular de *Beato Antonio;* a de S. Salvador, em Villar de Frades, entre Braga e Barcellos, que era a primeira casa da ordem em antiguidade e a segunda em gerarchia; e a de Santo Eloy, no Porto.

Pela extincção das ordens religiosas, em 1834, ficou devoluta a casa de Evora, e o seu templo esteve por muitos annos fechado, até que tornou a ser entregue ao culto catholico.

Não ostenta a frontaria da egreja as galas do estilo gothico, antes, pelo contrario, o que mais n'ella se póde notar é a singeleza da sua architectura, como facilmente se ajuizará á vista da nossa gravura, pois que o portal de um templo é uma das partes do frontispicio que os architectos mais se empenham em adornar.

Um grande arco de volta redonda, pouco elevada, sustentado por quatro columnas, dá entrada para o vestibulo de abobada de laçaria de pedra. No fundo abre-se a porta da egreja, construida segundo o estilo gothico puro, não obstante a degeneração em que ia a architectura gothica ao tempo em que se fundou este edificio. Embora seja destituida de miudezas de esculptura, o seu todo é nobre e elegante. É formada por diversos arcos ogivaes, que vão diminuindo na grossura da parede, e que se apoiam em delgadas columnas com seus capiteis lavrados em folhagens.

Ao lado direito da porta resalta da parede um pavilhão ou baldaquino, com cortinado, tudo de marmore branco de Estremoz, na fórma por que o mostra a gravura. Cobre este baldaquino ao brazão d'armas do conde de Olivença, D. Rodrigo, e á seguinte inscripção, que está por baixo do escudo, gravada na mesma qualidade de pedra:

«Em louvor de Nosso Senhor Deus e do apostolo S. João Evangelista, edificou e dotou este mosteiro o magnifico senhor D. Rodrigo de Mello, conde de Olivença, bisneto de Vasco Martins de Mello, que deu a vida ao mui virtuoso senhor Rei D. João I; e neto de Martim Affonso de Mello o velho, que grandemente ajudou a ganhar este reino ao dito senhor Rei; e filho de Martim Affonso de Mello, que bem e lealmente sempre serviu; e foi o dito Conde criado do muito esclarecido senhor Rei D. Affonso V, e quarenta e sete annos o serviu com sua pessoa e gentes, mui grandemente, e em todas as passagens, que o dito senhor Rei fez em Africa sempre com elle foi. E tomada a cidade de Tanger logo lh'a entregou, e o fez Capitão e Governador d'ella; e treze annos que a teve houve tantas pelejas, e fez tantos desbaratos em moiros, que muito pouco ficou do termo d'ella, que não fez tributario ao dito senhor Rei; e entrou com elle nos reinos de Castella, com tanta gente, e assim corregida, que poucos dos mores do reino levaram mais. Finou-se ao 25 dias de Novembro da era de Nosso Senhor Jesú Christo de 1487.»

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

VILLA DA LOUZÃ

(Conclusão. Vid. pag. 326)

VI

Estão em parte satisfeitos os desejos expressados pelo proprietario a quem citámos no artigo antecedente, e ao qual os bons patriotas de todo o concelho podem e devem dar sinceros emboras, porque se congratulam tambem comsigo mesmos por se ter realisado um grande melhoramento. Começaram os trabalhos do lanço da estrada que leva da Foz de Arouce á Louzã, e é a continuação da bella estrada que segue das margens do Mondego a Foz de Arouce.

A inauguração d'estes trabalhos foi motivo de regozijo publico para a Louzã. E assim devia de ser. Logo que esteja concluida a estrada a que alludimos, as relações com a capital do districto amiudar-se-hão, e não será para estranhar ver em breve o estabelecimento de uma carreira regular de diligencias entre Coimbra e a Louzã, que o bom povo d'este concelho e dos concelhos visinhos tratará de sustentar em seu proprio proveito.

Uma coisa, porém, completará este melhoramento, ao que de certo os poderes publicos não deixarão de attender; é a construcção de uma ponte sobre o Mondego, a fim de evitar a demora e o incommodo que ha na passagem do rio dentro de umas barcas, que ainda hoje se offerecem a nacionaes e estranhos, e que são a negação de todo o progresso.

A nova estrada dirige-se, pois, de Foz de Arouce aos Relvios e marco da Povoa; d'ahi vae n'uma recta de 4 kilometros até proximo do edificio do hospital [1], cuja construcção está a concluir, e fórma uma curva para entrar na villa. A entrada da Louzã deixará d'este modo a mais grata impressão aos visitantes, porque encontrarão, além do edificio do hospital, que é um singularissimo padrão da mais extreme caridade e do mais acrisolado patriotismo; a nova casa da eschola publica, edificada, se não errâmos, conforme o plano approvado depois do obito do conde de Ferreira; o theatro; a bonita propriedade do sr. dr. Miguel Furtado de Arantes Netto, e logo mais acima a casa da familia Montenegro, que é respeitada e amada pelo povo da villa por suas altas qualidades e virtudes civicas.

[1] Vid. pag. 337 do vol. IX do *Archivo Pittoresco*.
A direcção principal da obra do hospital coube ao sr. dr. José Daniel de Carvalho Montenegro, a cuja benevolencia e amizade devemos muitos dos esclarecimentos de que nos servimos na composição d'estes artigos. Aproveitâmos a opportunidade para confirmarmos publicamente o protesto da nossa gratidão por tal favor.

Faremos agora uma pequena rectificação. Dissemos que, á saída da villa, víramos um barracão onde funccionava a eschola publica do sexo masculino, mas quem leu isto inferiu, sem dúvida, que se tratava da eschola da villa, propriamente dita. A culpa foi nossa, porque não escrevemos o que deviamos escrever. A eschola que funccionava no indicado barracão era a do Freixo, da freguezia de Villarinho; porém ha já tempo que se mudou para casa de sobrado, e com melhores disposições e commodos, o que devéras estimámos saber, depois de publicado o anterior artigo, para termos occasião de rectifical-o sem demora.

A eschola primaria da villa, propriamente dita, sempre funccionou em casa, não apropriada, mas commoda e remediavel, paga pela municipalidade, e dentro de pouco será transferida para a casa que se está acabando de edificar, parte com o legado do fallecido conde de Ferreira [1], e parte com fundos municipaes, contribuindo tambem para esta edificação — e diga-se isto com a devida venia e o merecido louvor — a sr.ª D. Maria da Piedade Salazar, a qual, tendo dado o terreno para a eschola, e conhecendo-se que não era apropriado, offereceu 200$000 réis para a compra de outro com as necessarias e convenientes condições.

VII

No concelho ha tres fabricas de papel [2]: uma na Louzã, outra no casal de Ermio, em ponto muito pequeno, e a terceira proximo ao logar do Boque, nas margens do Ceira. Esta é do sr. Paula, arrendatario da fabrica de Goes, que emprehendeu fundar alli uma nova fabrica em ponto grande e com machina de vapor.

Não podendo dar noticia exacta das duas ultimas fabricas, não só por falta dos necessarios esclarecimentos, senão porque a que parece fundar-se em escala maior ainda está em construcção, trataremos especialmente da fabrica do sr. Lemos, sita na villa da Louzã.

Segundo os esclarecimentos que nos dá o sr. dr. Pereira Forjaz na sua interessante *Viagem* [3], confirmados pelo actual proprietario da fabrica, o sr. João Gonçalves de Lemos, cujo pae foi por muitos annos seu zeloso e activo administrador, infere-se que, reinando el-rei D. João v, ou em tempo antes, um genovez a mandára construir, recebendo para isso um importante auxilio do governo sob a hypotheca da fabrica; que ainda mais em seu beneficio se prohibíra a exportação do trapo por alvará de 1749; que, fallecendo o dito estrangeiro, e descuidando-se os seus successores de pagarem ao estado o que lhe era devido, no governo do marquez de Pombal se determinou que a fabrica passasse para a fazenda nacional, encarregando-se por então a administração d'ella a abastados negociantes; que pouco depois, ou no mesmo periodo, andou a fabrica arrematada com o contrato do tabaco, sendo obrigados os arrematantes a conservarem-n'a sempre em laboração.

Em 1821, ou porque os contratadores não ficassem satisfeitos com o exito do novo encargo, ou porque o governo entendesse que não lhe fazia conta a administração da fabrica, ou por outra razão que não podémos averiguar, é certo que a fabrica foi á praça e logo vendida a particulares. Veiu esta venda confirmar o principio de que a administração por conta do estado não desenvolve a industria, e, pelo contrario, muitas vezes lhe serve de estorvo, pois que, effectivamente, desde a epocha indicada é que a fabrica melhorou e progrediu, não só considerando-se o aperfeiçoamento do fabrico, mas tambem o valor da producção.

Quando estes melhoramentos, porém, se tornaram notaveis e dignos de menção foi depois de 1833, em que o sr. Lemos, antecessor do actual proprietario, pôde constituir-se em unico e independente dono da fabrica. O estabelecimento então foi muito beneficiado; augmentaram-se as machinas, ampliaram-se e melhoraram-se as officinas, apurou-se prodigiosamente a fabricação, centuplicou-se a producção, accrescentou-se o numero dos operarios, e o consumo desenvolveu-se por tal modo, que nem sempre havia occasião de satisfazer-lhe as exigencias.

O maior consumidor era a junta do credito publico, que contratára a feitura de seis mil resmas de papel sellado annuaes; e todos sabem que este papel, bem como o almasso branco, que em tempo se empregou em algumas edições mais apuradas e dispendiosas, apparecia melhorado de anno para anno, pelos esforços do proprietario e pela provada solicitude do gerente, embora não podessem então introduzir-se certos machinismos com que no estrangeiro já se tinha aprimorado não só o fabrico do papel almasso, mas tambem do papel superior para impressão, que a fabrica da Louzã não produzia nem produz.

Quer o leitor saber e avaliar o progresso da fabrica? É facilimo. Temos á vista uma nota que nos assevera que em 1821 a fabrica empregava 25 operarios de ambos o sexos; que em 1838 tinha 80; e que, desde então crescendo sempre este numero, conta hoje 200, pouco mais ou menos: isto é, uma parte, que não deixa de ser importante, da villa da Louzã, encontra occupação e salario, durante o anno, n'aquelle estabelecimento. Testimunhámos que vimos em todas as officinas, já cortando o trapo, já peneirando-o, já extrahindo a massa das tinas, já enxugando o papel nos estendiores, já collando-o, assetinando-o ou enresmando-o, já em outras differentes occupações proprias d'esta especie de fabricação; vimos, dizemos, numerosissimos operarios de ambos os sexos, e a melhor ordem, embora as condições hygienicas do estabelecimento não sejam recommendaveis.

E posto que o trabalho consuma todas as horas do dia, o que é para enlevar e elogiar é que muitos operarios são excellentes musicos, e constituiram-se, com outros cidadãos da villa, em sociedade philarmonica, com uma numerosa e bem regida banda marcial; e as operarias são as primeiras que com os seus cantares e as suas dansas alegram as festas populares da villa, principalmente no S. João.

O edificio da fabrica de papel nada tem de notavel, e póde-se dizer que já vae accusando hoje uma triste decrepitude. Alguns reparos se lhe tem feito, mas tanto interior como exteriormente, em certas partes, não occulta aos olhos do visitante, segundo nos pareceu, a sua extrema velhice. Poderá, todavia, por muitos annos viver assim, se não faltar a solicitude do seu actual proprietario, e se este, deixando occupações estranhas á sua industria, como, por exemplo, o grangeio de terrenos adquiridos em volta do estabelecimento, se dedicar inteira e exclusivamente ao aperfeiçoamento do fabrico do papel, que em o nosso paiz — confessemol-o sem acrimonia mas com intimo pezar — tem sido tão protegido quão descurado. Mas é de crer que o actual proprietario da fabrica da Louzã não descance á sombra de loiros ceifados e colhidos em outras epochas, e muito desejaremos saber que os beneficios, na verdade importantissimos, realisados no longo periodo de trinta annos, poderam continuar-se

[1] Vid. pag. 145 d'este volume.

[2] Por ser curiósa daremos aqui a seguinte noticia, que se nos deparou em um opusculo do sr. Fradesso da Silveira:

«Districto de Coimbra — Numero de fabricas de papel: 4 nos concelhos de Goes, Louzã e Penella. — Pessoal: 114 homens; 165 mulheres; 7 menores — Salarios: dos homens 100 a 400 réis; das mulheres 40 a 100 réis; dos menores 60 a 80 réis. — Peso do trapo consumido annualmente: 250:000 a 300:000 kilogrammas. — Producção annual: 130 a 160:000 kilogrammas de papel de diversas qualidades. — Preço por kilogramma: de 80 a 350 réis.»

[3] Vid. pag. 203 e seguintes da *Viagem á serra da Louzã*, appensa ás *Memorias do Bussaco*.

ainda em maior escala para honra e gloria da industria nacional.

A situação da fabrica é, porém, sobremodo poetica. Visitando este estabelecimento quando já iamos agradavelmente dispostos pelas sensações que experimentáramos quer na magestosa serra, quer junto das venerandas ruinas do castello, quer no sentimental penhasco das ermidas, não perdemos essa boa disposição do animo ao avisinharmo-nos do edificio da fabrica.

Longe da povoação e sem poder sequer avistal-a, tendo de um lado a serra e do outro o Arouce, cujas aguas se aproveitaram nas azenhas que dão movimento ás officinas, a fabrica foi levantada nas melhores condições de isolamento, mas, repita-se tambem, nas peiores condições hygienicas. Os operarios não tem alli os rumores, nem as distracções, nem os ocios da villa, para se arredarem e esquecerem do trabalho; mas tem ar mau e pessima luz em muitas officinas. Entretanto, os antigos proprietarios reconheceram naturalmente a belleza do sitio, e quizeram guardar aquelle melancolico retiro, construindo para isso duas ruas ornadas de faias, choupos e outras arvores, que dão sombra e frescura a alguns bancos de pedra. Estas ruas são realçadas pela levada e pelo dique de alvenaria que a dirige.

O perfume das flores, o murmurio das brisas, o suave queixume do rio, que foi constrangido pela levada, a magestade das arvores que assombram o dique e as lamedas, e, sobre tudo, a serenidade do trabalho das azenhas, que infunde uma certa melancolia, e os longinquos e mal definidos ruidos da fabrica, que fazem mais poetico o logar, são de um encanto inexcedivel e indescriptivel.

Só uma coisa vem, porém, fazer singular contraste em quadro tão bello e entristecer o visitante: é a decrepitude da fabrica!

Nuvem sombria, é certo, mas que o verdadeiro amor da industria póde dissipar e exhaurir.

VIII

Na villa da Louzã ha feira annual no dia 24 de junho, muito concorrida por coincidir com a festa a S. João, que alli é tão popular, tão alegre e ruidosa como em Coimbra, como em Lisboa, e como em geral em todas as povoações do reino.

Convergem de todas as freguezias, na vespera, numerosos ranchos de homens e mulheres, moços e anciãos, e, para assim o dizermos, familias inteiras, que n'esse dia celebrado deixam todos os trabalhos domesticos e do campo para se dirigirem em romaria ás capellinhas de S. João e de Nossa Senhora da Piedade [1], e que passam a noite em descantes, improvisos, dansas e requebros, dissipando tristezas, incitando contentamentos, provocando exclamações, levantando os brios dos trovadores, estreitando os laços dos amantes, e povoando de sons vivos, alegres e harmoniosos todas as partes da villa.

Além d'esta feira, ha a mensal em 24, e o mercado aos domingos. Nos mercados vendem-se cereaes, fructos, legumes, peixe salgado e fresco, mas este raras vezes.

As feiras differençam-se, porém, dos mercados pela variedade e abundancia dos generos, pela concurrencia de vendedores e compradores de quasi toda a comarca, e por haver n'aquellas muitas barracas com fazendas brancas e de lã, loiça ordinaria e quinquilharias, e concurso de gado vaccum e suino. Na de S. João, que é a mais excellente e copiosa, tambem assentam alli as suas barracas, ou *tendas*, como geralmente lhes chamam na provincia, alguns ourives, expondo aos olhos cubiçosos de serranas e campesinas a diversidade de artefactos que n'este ramo da industria admirámos no Porto, cordões, cruzes, arrecadas, anneis, corações, objectos de filigrana e oiro de muito variados feitios e lavores.

[1] Esta festa data de tempos remotos. No archivo da camara da Louzã existe um documento, datado de 1537, em que el-rei regula o bodo que se fazia no dia de S. João. Este documento principia assim: «A quantos esta minha carta virem faço saber que a mim apraz dar luguar e licença aos moradores da villa da lousan pera daquy em diante em cada huum anno em quanto eu nam mandar o contrario fazerem o vodo que costumauam fazer por dia de sam Joham...»

IX

Tem o concelho da Louzã cadeira de latim, quatro escholas primarias do sexo masculino e uma do feminino. Além d'isso, conta uma eschola nocturna na villa, e uma em cada uma das freguezias ruraes de Foz de Arouce e de Serpins.

A primeira eschola nocturna foi fundada, assim como o *instituto de D. Luiz I*, na villa, com uma bibliotheca popular de 500 volumes, pelo sr. João Elizario de Carvalho Montenegro, que o *Archivo Pittoresco* e o *Annuario* [1] tem honrado como merece, pela grandeza dos factos e pela generosidade das acções, quando a Louzã deveu por iniciativa propria e devoção civica d'este benemerito filho beneficios de que está gozando e são notorios, e quando, principalmente, se lançaram os fundamentos do edificio do hospital, cuja construcção, segundo acima dizemos, vae chegando ao seu termo. Embora não parecesse fóra de proposito especialisar aqui novamente a creação d'esse piedoso instituto, remettemos, todavia, o leitor, a fim de não tornarmos mais extenso o presente artigo, para o que a este respeito escrevemos em o n.º 43 do vol. IX do *Archivo Pittoresco*, onde se encontrará, tanto quanto nos foi possivel, ampla e minuciosa noticia da materia sujeita.

O concelho da Louzã tem dado á republica muitos varões illustres, entre os quaes podêmos contar, em primeiro logar, pelo seu saber, pelos altos cargos publicos que tem exercido e pelo seu caracter, o sr. conselheiro Vicente Ferrer Netto de Paiva, par do reino, ministro de estado honorario, ex-reitor da universidade de Coimbra. E além d'este, ainda hoje conta quatro doutores, sendo dois d'elles lentes da universidade; quatorze bachareis formados em diversas faculdades, dois dos quaes são juizes de direito, um delegado, um conego e dois parochos. Muitos filhos da Louzã tem egualmente abraçado a vida ecclesiastica, seguindo os estudos no seminario de Coimbra, já para se opporem a diversas egrejas do concelho, onde alguns se acham parochiando, já para pastorearem fóra d'aquella circunscripção, já para exercerem cargos no seminario de Coimbra.

No seculo passado foi creado o titulo de conde da Louzã, de que é hoje 4.º successor e possuidor o sr. D. João José de Lencastre Basto Baharem, 12.º senhor do morgado da Marinha, par do reino, addido honorario á legação em Constantinopla, official-mór da casa real, commendador das ordens militares portuguezas de Christo e Conceição, e hespanhola de Isabel a Catholica. Ha annos creou-se tambem o titulo de visconde de Foz de Arouce, de que ainda é actualmente seu possuidor o sr. dr. Francisco Augusto Furtado de Mesquita Paiva Pinto, casado com uma filha do sr. conde da Graciosa, Fernando Affonso Geraldes de Mello Sampaio Pereira.

Concluiremos esta noticia com outro esclarecimento historico. Nas primeiras epochas da monarchia, a Louzã foi dada como senhorio á conhecida familia Caceres. Passados tempos, este senhorio veiu, porém, á casa dos duques de Aveiro, que o possuiram até que, sendo extincto o ducado por causa do celebre attentado contra a vida del-rei D. José, em 1759, ficou encorporado na corôa.

BRITO ARANHA.

[1] Vid. pag. 124 e 337 do vol. IX do *Archivo Pittoresco*, e pag. 248, 256, 271, 272, 280 e 288 do *Annuario do Archivo Pittoresco*.

O BUCENTAURO

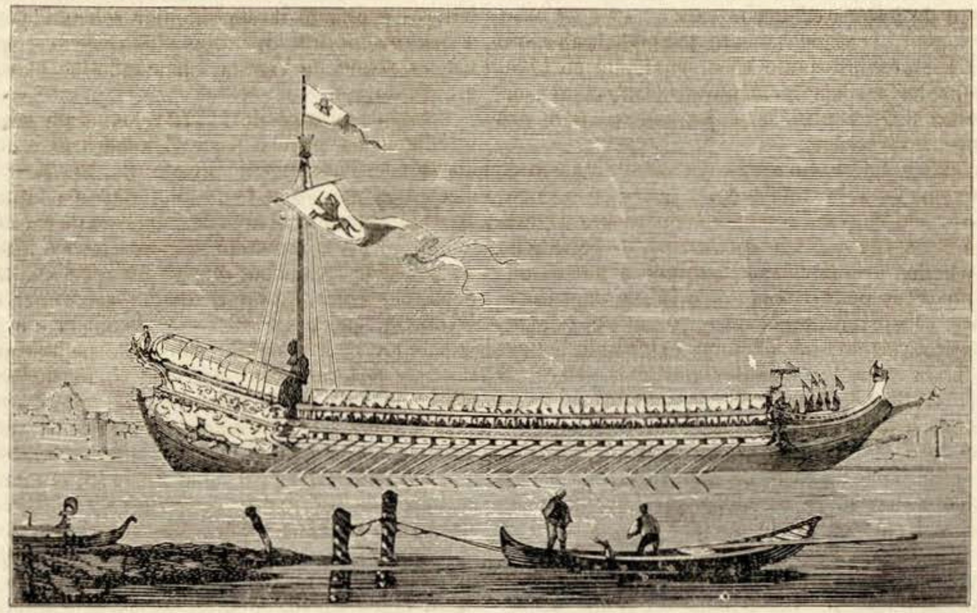
CONSORCIO DO DOGE DE VENEZA COM O MAR ADRIATICO

I

Ha nomes na vida das nações que, pelas idéas que lhes estão associadas e pelas recordações que suscitam, resumem em si, por assim dizer, todos os capitulos gloriosos da historia nacional. Tal é para os venezianos o nome de *Bucentauro*, não obstante designar uma embarcação, não guerreira, eriçada de lanças e guarnecida de canhões, mas sim festiva, toda resplendente de oiro, e empavezada de bandeiras e flammulas de sedas multicores.

A solemnidade para que fôra fabricado o *Bucentauro*, e que se repetia uma vez annualmente, era a consagração de um dos maiores poderes da terra durante seculos; era tambem a glorificação de um povo que, pelo esforço da sua intelligencia e do seu braço, e pela energia do seu caracter, se elevára de um berço humilde á brilhante posição de um dos mais poderosos estados da Europa. N'aquella solemnidade, em fim, a maior e mais popular d'entre todas as que se celebravam em Veneza, symbolisava-se a alliança da grande republica com o mar, essa investidura do tridente, que fizera da cidade dos doges a rainha do Adriatico e a senhora do commercio da Asia com a Europa.

Ao alvorecer do dia em que a egreja celebra a Ascensão de Jesus Christo, repicavam todos os sinos de Veneza e tangiam mil harmoniosos instrumentos, annunciando á cidade, com as suas alegres melodias, ser chegada a grande festa nacional. Enchiam-se em breve de multidão de povo as praças e os caes, e centenares de gondolas, carregadas de gente trajando as suas melhores galas, cruzavam apressadamente os



O Bucentauro

canaes que cortam a cidade em todas as direcções, encaminhando-se para o Lido.

É este o nome de uma pequena ilha que, pela sua situação, é como o dique natural do archipelago veneziano, ou como a atalaya encarregada de vigiar por toda a extensão do Adriatico.

Desde o arsenal até ao Lido, numerosissimas gondolas formavam alas, deixando entre si largo espaço inteiramente livre. A pequena ilha estava então coberta de palanques, vestidos de vistosas tapeçarias e povoados de damas gentis, esplendidamente trajadas. Em torno da ilha, em fim, apinhoavam-se milhares de embarcações de todos os tamanhos e de mui variados feitios, ostentando as mais garridas côres nos seus toldos e bandeiras, bem como no vestuario dos homens e mulheres, de differentes nacionalidades, que em si continham.

Quando a impaciencia já se achava vivamente excitada entre tantos milhares de espectadores, ouvia-se de improviso longinquas acclamações, e logo depois aquelle alegre susurro que annuncia a proxima satisfação das impaciencias populares.

Volviam-se todos os olhos para o lado do arsenal, d'onde acabava de sair, com a magestade de um soberano, uma grande embarcação, tão formosa e luzente que parecia fabricada de oiro cinzelado por mão de eminente artista. Era o seu comprimento 22^{m}, com perto de 5 de largura, e continha duas cobertas; na inferior vinham remando 168 homens; a superior apresentava a perspectiva de um vasto salão, que occupava todo o comprimento do barco, sendo adornado com esculpturas doiradas, e coberto com um magnifico toldo de veludo carmesim, agaloado e franjado de oiro.

Para o lado da pôpa elevava-se o pavimento do salão, e ahi se erguia o rico throno onde ia sentado o doge, servindo áquelle de ornamento e apoio as estatuas da *Prudencia* e da *Força*. De um e outro lado do throno estendiam-se duas longas fileiras de cadeiras magnificamente ornadas, em que se sentavam o patriarcha de Veneza, os membros do conselho denominado *dos Dez*, e os outros altos funccionarios do estado, os embaixadores das potencias estrangeiras, e os governadores do arsenal e fortalezas. O tecto d'esta parte do salão era decorado com excellente obra de talha relevada e doirada, representando *Apollo no meio das musas*, as *Virtudes*, e os emblemas allegoricos da *marinha*, da *caça* e da *pesca*.

O resto do salão até á proa era occupado pelos magistrados da cidade e pelos estrangeiros de distincção residentes em Veneza ou que tivessem vindo assistir a esta solemnidade. A saída do salão, sobre a proa, avultava em cima de um alto pedestal a estatua da

Justiça, sentada, empunhando a espada com a mão direita e sustentando a balança na esquerda.

No espaço entre a estatua e o beque da embarcação iam de pé os porta-estandartes com as bandeiras da republica desenroladas. Na extremidade do beque via-se o leão de S. Marcos, resplandecente de oiro, o leão alado, symbolo do poderio dos doges. Por baixo do beque, e um pouco acima da superficie das aguas, era a embarcação armada, á maneira das antigas galés romanas, com um esporão floreado. Finalmente, em um elevado mastro, junto do qual ia de pé um soldado com lança e escudo, fluctuavam as bandeiras e o galhardete com as divisas que indicavam ir presente o doge. A esta esplendida embarcação dava-se o nome de *Bucentauro*.

Vinha, pois, cortando as ondas com soberana galhardia o famoso *Bucentauro*, seguido de um extenso cortejo de galeotas e escaleres, guarnecidos de relevos doirados, e pintados com vivas côres. Formavam longa cauda a tão luzido prestito gondolas e canoas sem conto, carregadas de populares, e engrinaldadas de flores e de festões de loiro.

Esta viagem, verdadeiramente triumphal, desde o caes dos Esclavonios, junto ao arsenal, até ao Lido, era acompanhada constantemente de clamorosas saudações e de alegres musicas, cujos sons partiam das mais oppostas direcções.

Assim que o *Bucentauro* passava além do porto do Lido, os remadores levantavam os remos, e o doge, com todo o seu cortejo, encaminhava-se para a proa. Chegados junto da estatua da *Justiça*, o patriarcha tomava a todos a dianteira, e, subindo a um patim, situado no logar onde começava o beque da embarcação, pegava em um annel de oiro que um pagem, custosamente vestido, lhe offerecia em preciosa bandeja de prata doirada, toda lavrada de bestiães. O prelado, revestido de pontifical, procedia á benção do annel, e em seguida, tomando das mãos de outro pagem uma taça, tambem de prata doirada, recitando orações apropriadas ao caso, derramava a agua benta, que ella continha, sobre as ondas que haviam de receber o annel em penhor de alliança.

Acabada esta ceremonia descia o patriarcha, e subia ao mesmo patim o doge, com o seu manto de purpura e arminhos, e com as mais insignias ducaes. Pegando então no annel, que o patriarcha lhe entregava, e elevando e estendendo o braço, lançava o annel ao mar, pronunciando em latim estas palavras, que vertemos em vulgar: «Mar, nós te desposâmos em reconhecimento da nossa verdadeira e perpetua suzerania.»

As acclamações estrepitosas da immensa multidão de povo que presenciava esta solemnidade, e as salvas de artilheria do arsenal e das fortalezas, annunciavam á cidade de Veneza e ás povoações do litoral o consorcio do doge com o mar Adriatico.

Finda a ceremonia regressava o prestito na mesma fórma em que tinha partido, e o *Bucentauro*, navegando sob um continuo chuveiro de flores, e ao som de musicos instrumentos e de saudações populares, ia levar o chefe da republica ao palacio ducal, onde era servido um lauto banquete a todos os altos funccionarios, magistrados e pessoas distinctas que tinham acompanhado o doge no *Bucentauro*.

A tarde d'este dia era abrilhantada com outros festejos, egualmente magnificos, taes como dansas, mascaradas e regatas. Estas, principalmente, tinham nomeada em toda a Europa pela quantidade, e fórmas esbeltas e variadas das gondolas e outras embarcações que figuravam n'estas justas; pelo vistoso do trajo, e pelo garbo e agilidade dos remeiros; pelo valor e primor artistico dos premios, que serviam de estimulo aos que entravam na liça e de tropheo aos vencedores; e, ainda mais que tudo isto, pela perspectiva maravilhosa que offerecia á vista o grande canal em que se effeituavam as regatas. Era um espectaculo grandioso e deslumbrante, pois que ao apparato do festim maritimo juntavam-se a opulencia e belleza dos palacios que bordam o canal; o precioso dos brocados, damascos e colchas de seda, recamadas de oiro, que pendiam das janellas, onde os architectos prodigalisaram os mais phantasiosos e brincados ornamentos dos estilos gothico e do renascimento; e, finalmente, a formosura, o donaire e as galas das damas que guarneciam as janellas.

Porém de todas estas pompas e esplendores não restam mais que a tradição, algumas memorias escriptas e uns tristes fragmentos do *Bucentauro*.

A republica de Veneza baqueou ante as armas victoriosas da França. Acabou a fastosa ceremonia das nupcias com a quéda do ultimo doge.

II

Não será fóra de proposito referirmos aos nossos leitores a origem d'esta singular solemnidade, contra a qual se mostraram indignados varios escriptores de nações rivaes de Veneza, chamando-lhe extravagante e absurda.

Correndo o anno de 1177, rebentaram graves desintelligencias entre o papa Alexandre III e o imperador Frederico I, cognominado *Barba Roxa*. D'estas discordias nasceu a lucta, em que o pontifice ficou vencido. Alexandre III refugiou-se em Veneza, solicitando em favor da santa sé o soccorro e intervenção da poderosa republica. Não se fez rogar muito o doge Sebastião Ziani. Apressando-se a aproveitar o ensejo favoravel, que se lhe offerecia, de abater o orgulho do imperador com o auxilio moral do pontificado, n'essas eras poderosissimo, aprestou uma grande armada, e foi com ella ao encontro da de Frederico I.

A bravura dos venezianos ou a sorte da guerra deu ao doge as palmas da victoria. Sebastião Ziani voltou a Veneza, entrado já o anno de 1178, enramado com os loiros da batalha de *Capo Salvore*, e trazendo prisioneiro o principe Othão, filho do imperador.

A cidade de Veneza applaudiu este triumpho com extraordinarias demonstrações de regozijo; e o papa, no alvoroço da sua alegria, foi ao Lido receber o doge, e, assim que se encontrou com elle, offereceu-lhe um annel de oiro, dizendo-lhe: — «Acceitae este brinde como um annel da cadeia que ha de ter agrilhoadas as vagas ao imperio veneziano. Desposae o mar com este annel, e d'ora ávante seja celebrado em todos os annos, e no mesmo dia, por vós e pelos que vos succederem, a ceremonia d'este consorcio. A posteridade saberá ao presencial-o que as vossas armas conquistaram o vasto imperio das ondas, e que o mar vos deve submissão, como a esposa ao esposo.»

O primeiro *Bucentauro* era uma galé, desataviada de ornamentos, como era singela tambem a ceremonia dos desposorios do doge. Depois, á maneira que o commercio foi enriquecendo a republica e que o luxo se foi introduzindo em Veneza, começaram as artes a disputar competencias sobre qual ornaria o *Bucentauro* com mais primor e riqueza. Assim foram augmentando, conjuntamente de esplendor e magnificencia, a embarcação e a festa nupcial, até chegarem ao ponto em que as descrevemos.

Quando era necessario substituir por outro o velho *Bucentauro*, uma parte da quilha do que se desmanchava havia sempre de entrar na fabricação do novo.

Tambem serviu o *Bucentauro* para a recepção solemne de alguns soberanos. Em 1487 foi buscar Catharina Cornaro, rainha de Chypre, que havia renunciado o seu reino em favor da republica. No seculo XVI conduziu em viagem de recreio, nas circunvisinhanças de Veneza, o duque de Anjou, rei da Polonia, e

ao diante rei de França. Ainda recebeu outros principes em occasiões diversas.

Extincta a republica de Veneza pelas armas victoriosas da França em 1795, o *Bucentauro* ficou esquecido e inutil debaixo do seu telheiro, no arsenal, esperando que o vencedor decidisse da sua sorte. E triste foi a sentença que pronunciou contra elle Napoleão; bem triste, porque o condemnou a ser despojado de todos os seus adornos; e tristissima até para quem a dictou, porque esse acto de vandalismo e de pequenez d'alma foi, como outros mais, uma nodoa indelevel no caracter e na illustração do grande capitão do seculo. Foram, pois, por sua ordem arrancadas todas as esculpturas doiradas do *Bucentauro*, e, juntamente com os galões e franjas de oiro que lhes guarneciam as armações, tudo isto foi queimado para se extrahir das suas cinzas o metal precioso, que, com effeito, remetteram ao thesoureiro de Milão, a fim d'este o mandar reduzir a moeda!

O casco mutilado e desfigurado da pobre embarcação foi então armado com sete grossos canhões, e, assim convertido em bateria fluctuante, lá o levaram para o Lido para defensa do porto. E como mal quadrasse ao novo serviço o nome a que estavam associadas tantas recordações de gloria, de grandeza e de fasto, em vez de *Bucentauro* denominaram n'o *Hydra!*

Até 1824 conservou-se a *Hydra* ancorada junto ao Lido; porém, n'esse anno, julgada incapaz de servir, determinou o conselho aulico de guerra que fosse desmanchada.

Hoje apenas existem insignificantes fragmentos do *Bucentauro* no arsenal de Veneza e em poder de alguns patriotas ou archeologos. I. DE VILHENA BARBOSA.

SCIENCIA POPULAR

OS LEPIDOPTEROS DIURNOS

(Vid. pag. 382)

VIII

Para terminar esta ligeira e superficial descripção dos lepidopteros diurnos falta-nos fallar ainda dos dois ultimos grupos.

Tratámos já dos papilionides e nymphalidas. Passemos aos erycinides e hesperides.

Os erycinides são apparentemente uma reducção das especies que constituem os dois grupos antecedentes.

Verdadeiras e engraçadas miniaturas, fórma, belleza de colorido, suavidade de tons, de tudo foi a natureza prodiga.

Os erycinides, porém, tem um typo especial, uma physionomia particular, um porte caracteristico, uma individualidade distincta aos olhos do entomologista.

As extremidades dianteiras são improprias para a marcha, como nas nymphalidas, mas em geral attingem o mesmo tamanho que as trazeiras nas femeas. As garras dos tarsos são rudimentares, as antennas terminadas em maça oval.

As lagartas dos erycinides são muito notaveis. O corpo é curto e largo com uma cabeça muito pequena. Para se transformar fixam-se, como os papilionides, por meio de uma cinta e pela extremidade do corpo. As crisalidas são curtas, massiças, obtusas.

Os erycinides tem de ordinario as azas posteriores terminadas por um prolongamento caudiforme de comprimento variavel, conforme as especies. É por isso que os antigos chamaram a estes insectos *pequenos porta-caudas*.

Os erycinides subdividem-se em dois grupos naturaes: os syccinites e erycinites.

Andam por umas oitenta as especies pertencentes ao primeiro grupo, e entre ellas algumas habitam a Europa, como são os theclas, os polyommatos e os lycenas.

Os theclas tem as azas posteriores prolongadas em caudicula e as antennas um pouco obumbradas. São borboletasinhas gentis, pardacentas superiormente, esbranquiçadas pela parte inferior, com os desenhos caracteristicos da especie. O *porta-cauda pardo de raia branca* de Ernst, ou thecla W branco *(thecla W album)*, póde ser tomado como typo.

A borboleta é parda superiormente com uma linha branca no rebordo. É de um pardo claro inferiormente com linhas negras, vermelhas e brancas, terminando uma d'estas ultimas em W perfeito e completo.

A lagarta d'esta especie vive nos olmeiros e pilriteiros. Curta, chata, deprimida pela parte superior, tem os caracteres das larvas dos sycenites. A côr d'ellas é de um verde analogo ao das folhas do olmeiro nos arreboes da primavera. A cabeça é pequena, pardacenta, e emboceta-se no primeiro annel do corpo quando dorme.

Os anneis são cobertos de finissima pubescencia, e em cada um denotam-se duas saliencias duras, e de cada lado um traço mais escuro do que o colorido geral.

Tanto as extremidades escamosas como membranosas são muito curtas, e, como o insecto é pouco esbelto, tem o caminhar lento e desengraçado.

Os pellos das extremidades membranosas formam um circuito cavo, que abre como uma ventosa. Assim devia de ser, por isso que este insecto só anda em superficies lisas e plenas, e desloca-se muito pouco. Comida que seja uma folha, vae o animal para outra, e esta é a maior viagem a que se aventura.

A côr d'estes insectos é, como dissemos, similhante á das folhas, quando o frescor puniceo ainda não foi vencido pelos ardores do verão. D'ahi vem que é difficil ver as lagartas, e é assim que ellas escapam aos vorazes insectivoros.

As crysalidas, ligeiramente pubescentes, são de um pardo escuro com um renque lateral de pontos negros. Os anneis do abdomen são immoveis. A borboleta sae quinze dias depois da metamorphose da lagarta, e volita durante todo o mez de julho. De como o insecto põe os ovos e passa os dias de inverno, coisa é que os entomologistas ainda não poderam observar.

Dissemos que o porta-cauda pardo de raia branca podia ser tomado como typo. Assim é. Todos os theclas se lhe assimilham. O thecla do abrunheiro apparece muitas vezes nos jardins. O do carvalho tem as azas de um bello azul violaceo, e não é raro nos bosques. O do espinheiro é commum nas sebes, sarças e silvados. As azas são pardas na parte superior, e uniformemente verde-claras na parte inferior.

Na California ha uma especie com os mesmos caracteristicos. Não deve admirar esta similhança, por isso que as especies que vivem nos paizes occidentaes da America são muito analogas ás da Europa temperada.

Quaes as causas d'esta analogia? Ninguem as sabe.

Distingue-se o genero dos polyommatos, em que a maça das antennas é mais curta e espessa, e as azas falhas de prolongamento. O nome de polyommatos quer dizer *muitos olhos*, e allude aos circulos de maculas, muito similhantes a olhos, que adornam a face inferior das azas d'estes lindissimos lepidopteros. Na face inferior são as azas dos polyommatos de um fulvo doirado e brilho metallico similhante ao dos morphos. Nas femeas, e algumas vezes nos machos, são as azas tauxeadas de negro.

Nas primeiras edades parecem-se os polyommatos com os theclas. O bronzeado é a especie mais commum. A feição das cirandeiras, vive em toda a parte. Apraz-lhe volitar em todos os sitios desafogados e limpos de ares.

O *porta-cauda azul estriado* de Geoffroy é um formoso lepidoptero de um azul grisalho na parte superior, estriado inferiormente e ornado no angulo das azas posteriores de circulosinhos com uma pupilla de oiro. A cauda das azas dá-lhe um porte donairoso e elegante.

Habita na Europa meridional, Asia e Africa, e a sua lagarta encontra-se nas vagens da colutea, cujas sementes lhe servem de alimento.

Nos pastos de trevo, sanfeno e luzerna voeja o argus azul, cujas azas são de um azul celeste admiravel. A larva habita as leguminosas.

As erycinites que formam o segundo sub-grupo dos erycinides habitam as regiões calidas do mundo.

Assim nos primeiros estados como pelas suas metamorphoses, differem pouco das lycenites.

Na Europa ainda apenas se encontrou uma especie d'este sub-grupo. É a lucina, gentil borboleta, cuja coloração e apparencia são analogas ás da melitéa.

A lucina é commum no mez de maio nas clareiras das florestas.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

O CHAPEO E O BARRETE

Escrevemos ácerca do chapeo depois de Aristoteles e Sganarello. Estes dois sabios disseram o que sabiam a respeito do assumpto, mas de certo não disseram tudo. E qual é, todavia, o assumpto a que se não póde dar nova fórma? Fallando de chapeos, diligenciaremos imitar os que os fabricam. Desde que ha chapeos no mundo, cremos que muitas e muito boas pessoas se tem illustrado pondo-lhes abas novas ou levantando-as.

Se não soubessemos que o chapeo era destinado para cobrir a cabeça, nol-o ensinariam os etymologistas, porque, estando provado que esta palavra vinha do latim *caput* (chefe, cabeça), seria dada impropriamente a não sabemos que pedaço de feltro, sob a fórma triangular, que os homens da corte não usavam em outros tempos senão debaixo do braço. A revolução, que conseguiu que muitas coisas fossem novamente para o seu logar, tambem alcançou que os chapeos se destinassem sempre para a cabeça.

Ha chapeos de todas as fórmas e de todas as côres. É necessario chamar a attenção para este accessorio quando se quizer fazer idéa favoravel ou desfavoravel de qualquer pessoa ao primeiro aspecto. O chapeo é ás vezes para os homens o que o lacreado é para as garrafas: um indicio da valia do que contém o vaso. Este indicio é, porém, repetidamente enganador.

O lacreado e os rotulos nas garrafas dos vinhos do Porto e da Madeira occultam ás vezes uma grande falsificação, como os chapeos muito lustrados cobrem a cabeça dos traficantes de todas as especies.

O chapeo, em geral, antes indica a condição do homem que as suas qualidades.

É, comtudo, difficil fallar do chapeo sem pensar no barrete, ou bonné, a mais antiga e a mais commum das coberturas.

Foi o barrete entre os antigos, e é ainda hoje entre muitos povos civilisados, como o chapeo baixo, um symbolo de emancipação e democratisação.

Ao barrete é que os suissos deveram a sua liberdade, ou antes a sua independencia. Guilherme Tell pensaria em expulsar os austriacos das suas montanhas, se Gesler não tivesse, á força de tonterias, exhaurido a paciencia do povo, e se a sua stulticia não o levasse a obrigar alguns rusticos montesinos a tirarem o barrete ante o seu barrete?

Não nos occorre que rei da Suecia tinha o privilegio de mudar a direcção dos ventos com a simples mudança do seu barrete. Este gesto indicava ao demonio, com o qual fizera um pacto, o lado d'onde lhe convinha que o vento soprasse. Hoje vê-se o contrario. Ha muitas cabeças que, em vez de regularem o vento, lhe obedecem!

Teve o barrete um papel importante na Hollanda: em 1350, as duas facções que a dividiam reconheciam-se pela côr dos bonnés. Uns traziam-n'o de côr parda e outros branca. Nas luctas mais encarniçadas d'estes bandos, nas quaes alguns passavam a vias de facto, o vencedor trazia como tropheo o bonné do vencido, e a isto chamava-se *arrancar-lhe o figado*, como se se dissesse *tirar-lhe a alma!*

Na Suecia, onde a população inteira quer a liberdade, mas onde muitas vezes os homens se encontram divididos a respeito dos meios de conserval-a, este interesse politico, em outras epochas, dividiu egualmente o estado em dois partidos, conhecidos pela denominação de *barretes* e *chapeos*. Ha n'aquelle paiz muitos homens de boa cabeça, até debaixo dos barretes.

Todos sabem que em França o partido revolucionario tem o nome de *barrete vermelho*. E antigamente, quando qualquer homem se mostrava exaggerado, excessivo e de cabeça ardente, diziam-lhe tambem alli que merecia um barrete, como se o quizessem tornar por isso desprezivel.

Toma-se muitas vezes a cobertura pela cabeça e o chapeo pelo homem. Conta-se que os passageiros de uma diligencia se deixaram lograr e despejaram as bolsas no chapeo de um salteador, só porque elle teve a lembrança de collocar entre o arvoredo da estrada, no alto de doze estacas, outros tantos chapeos.

Em estilo de civilidade, tirar o chapeo significa uma saudação. É ao mesmo tempo um signal de respeito e consideração, mas é a menor das cortezias para as pessoas bem educadas. Usa-se mais geralmente entre simples conhecidos, e de inferior para superior. Quando deixa de praticar-se, é signal de que se interromperam ou acabaram as relações.

Piron, a quem um poeta lia em particular os seus versos, tirava frequentemente o chapeo.

— A quem faz tão repetidos comprimentos? perguntava o poeta.

— Aos conhecidos que vão passando.

Os quakers não comprimentam as pessoas que conhecem, nem as que não conhecem. Não tiram o chapeo nem sequer ante Deus.

O privilegio dos grandes da Hespanha é poderem cobrir-se na presença do rei.

Nota Saint-Simon que Luiz XIV não punha o chapeo diante de uma dama. No dia mais incommodo pelo frio ou pelo calor, andava sempre ao lado das sr.as de Montespan e de Maintenon com o chapeo na mão.

O devido respeito para com as damas manifesta-se hoje sem tal excesso de delicadeza, cujos inconvenientes eram minorados pelas cabelleiras que se usavam.

Um dia Henrique IV perdeu-se em uma caçada, e pediu a um camponez que o guiasse pelo caminho direito, para chegar ao sitio em que se achava reunida a corte. O camponez consentiu sob a condição de que o caçador lhe mostraria o rei. Henrique acceitou a condição, tomou o rapaz na garupa e dirigiu-se ao ponto ajustado, conversando alegremente com o companheiro.

— Como hei de reconhecer o rei, insistia o camponez, visto que vossemecê diz que elle traja como os outros caçadores?

— Porque só elle deve ter o chapeo na cabeça.

Chegaram os dois ao sitio indicado. Como era natural, os cortezãos descobriram-se assim que viram sua magestade.

— Sabes agora qual é o rei? perguntou Henrique IV ao camponez.

— Ou é vossemecê ou sou eu, porque só nós é que temos o chapeo na cabeça.